

FALA E DISCURSO NAS ELABORAÇÕES DE FERDINAND DE SAUSSURE

Stefania Montes Henriques¹

Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG, Passos, MG, Brasil

Resumo: O Curso de Linguística Geral, publicado em 1916, foi o resultado, entre outras coisas, de anotações de alguns alunos de Ferdinand de Saussure produzidas durante os cursos proferidos na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1911, além de notas autógrafas. Essa obra é responsável pela fundação da Linguística Moderna, porque nela está contida a afirmação de que a língua é um sistema de signos, além de outros pressupostos teóricos. Tendo em vista a importância destinada por Saussure à noção de língua, vários estudiosos acusaram-no de “excluir” a fala dos estudos linguísticos para se dedicar apenas ao estudo do sistema por meio da língua. Nesse sentido, com este artigo pretendemos evidenciar que não somente o conceito de fala é encontrado no CLG, como também o de discurso, e que ambos podem ser vislumbrados nos manuscritos saussurianos sobre as lendas germânicas.

Palavras-chave: Fala; Discurso; Curso de Linguística Geral; Manuscritos; Lendas germânicas.

Title: ‘Parole’ and discourse in Ferdinand de Saussure’s elaborations

Abstract: The Course in General Linguistics (CGL), published in 1916, was the result, among other things, of notes taken by some of Ferdinand de Saussure's students during courses given at the University of Geneva between 1907 and 1911, as well as his autograph notes. This book is responsible for the foundation of Modern Linguistics because it contains the statement that langue is a system of signs, in addition to other theoretical assumptions. Considering the importance given by Saussure to the notion of langue, several researchers accused him of "excluding" parole from linguistic studies in order to focus solely on the study of the system through langue. In this sense, with this, article we intend to highlight that not only the concept of parole appear in CGL, but also that of discourse, and that both can be glimpsed in the Saussurean manuscripts on Germanic legends.

Keywords: Parole; Discourse; Course of General Linguistics; Manuscripts; Germanic legends.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Departamento de Letras e Linguística da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Passos. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4517-0121>. E-mail: stefania.henriques@uemg.br.

Introdução²

“A língua só é criada em vista do discurso,
mas o que separa o discurso da língua ou o que, em um dado momento,
permite dizer que a língua *entra em ação como discurso?*”
(Nota sobre o discurso)

A citação que abre este artigo pertence ao manuscrito “Nota sobre o discurso”, publicado pela primeira vez no *Les mots sur les mots: les anagrammes de Ferdinand de Saussure* (1971) por Jean Starobinski³. Ela nos é cara, além de todo o seu valor teórico, em virtude da questão que coloca: “o que, em um dado momento, permite dizer que a língua *entra em ação como discurso?*”. Isso porque definir o discurso é uma tarefa árdua, mesmo atualmente, com todo o desenvolvimento da linguística nos séculos XX e XXI – vide as múltiplas teorias do discurso⁴ de que dispomos. Podemos imaginar, então, o que é se questionar sobre isso no início do século XX. Além disso, essa indagação possui como pressuposto a famosa distinção entre língua e fala explicitada durante o curso de linguística geral e em passagens das notas manuscritas. Mas há outro ponto que ela apresenta: fala e discurso seriam sinônimos ou termos diferentes?

Devemos, então, admitir que essa questão nos coloca em um lugar espinhoso: a distinção entre língua e fala, que já foi alvo de várias críticas. Sabemos que há, por exemplo, a tese das exclusões saussurianas, segundo a qual o linguista teria excluído, a partir do momento em que delimita a língua como objeto de estudo, a fala, o sujeito, a referência e a história. No caso da fala e/ou discurso, conceito(s) que aqui mais nos interessa(m), Testenoire (2016) aponta que é comum a interpretação de alguns manuais de linguística do século XX de que esse(s) conceito(s) seria(m) estranho(s) à elaboração saussuriana. Dentre os manuais citados pelo autor, recuperamos o seguinte excerto:

Parece possível afirmar que toda elaboração teórica de Saussure repousa sobre sua definição do objeto ‘língua’, cujo estudo supõe uma dupla exclusão: exclusão da história e da realidade objetiva (que entre outros fatores compreende a dimensão social) [...] A extensão talvez ilegítima do procedimento saussuriano foi objeto, aliás, de uma contestação teórica, que recusa a dupla exclusão que mencionamos e que visa substituir as dicotomias saussurianas por uma proposta teórica, cujo cerne consiste na articulação entre o campo da linguística e os domínios da história, da prática social e da ideologia (cf. Haroche, Henry, Pêcheux, 1971). Essa nova proposta se caracteriza pela rejeição da ideia de uma oposição entre um código neutro (a

² Este artigo está articulado ao projeto de pesquisa “Entre a língua e a literatura: a transmissão da história nos manuscritos saussurianos sobre as lendas germânicas”, contemplado no Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa no Edital PQ/UEMG 10/2022.

³ Esse documento, cujo título não foi dado por Saussure, pertence ao conjunto de manuscritos dos anagramas, composto por oito arquivos (Ms. Fr. 3962 a Ms. Fr. 3969), além de 26 cadernos dedicados à métrica védica (Ms. Fr. 3960 e Ms. Fr. 3961) (cf. Starobinski, 1974). Devemos ressaltar que há uma discussão a respeito de sua tradução para o português, razão pela qual optamos por utilizar a tradução mais recente, realizada por Flores (2023).

⁴ Aqui, concebemos “teorias do discurso” como “as abordagens que se interessam pela dimensão transfrástica dos enunciados linguísticos e pelas condições sócio-históricas de suas produções” (Testenoire, 2016, p. 105).

língua) e a liberdade individual do locutor (a fala) (Fuchs; Le Goffic, 1975, p. 16 *apud* Testenoire, 2016, p. 106).

É com esse pensamento que, durante o século XX, há o surgimento de várias abordagens teóricas com o objetivo de tratar dos aspectos que teriam sido excluídos por Saussure. Essa perspectiva também se encontra, obviamente, em manuais de linguística brasileiros, tais como o de Mattoso Câmara Jr. (1974 [1942]). Como aponta Silveira (2016), ao se deter na recepção brasileira da teoria saussuriana, Câmara Jr. parece se inserir na perspectiva de que a “fala” não seria o foco das considerações saussurianas. Como diz a autora, a posição de Mattoso “é de reconhecimento do alcance de sua teoria assim como de um alinhamento daqueles que maximizam os limites dela [...]” (Silveira, 2016, p. 196).

Fato é que, como nos aponta Testenoire (2016), há um deslocamento dessa recepção no final do século XX e no início do século XXI que passa a conceber que o discurso é um “elemento fundamental” do pensamento teórico saussuriano. Para o autor, esse deslocamento ocorreu em virtude de duas razões: “a progressiva gramaticalização das teorias do discurso, operada nos anos 80” e “a ampliação, ocorrida no final do século XX, do corpus dos textos autógrafos de Saussure” (Testenoire, 2016, p. 108).

Nesse sentido, colocamo-nos diante de, ao menos, duas recepções: uma que é excludente, baseia-se no Curso de Linguística Geral e está presente entre as décadas de 1940 e 1970 e outra que considera os manuscritos saussurianos além do CLG, sendo perceptível a partir do início do século XXI. Obviamente, neste artigo, inserimo-nos nesse segundo ponto de vista; entretanto, não creditamos somente aos manuscritos a possibilidade de releitura das elaborações de Ferdinand de Saussure. Pensamos que, após uma leitura atenta do conteúdo dos cursos de linguística geral, é possível perceber a incidência do conceito de fala não somente em sua relação com a língua – tida como sistema – como também sendo delimitado em oposição a ela. Assim, o conceito de fala seria apreendido de maneira opositiva, relacional e negativa. E isso porque “é notável que a fala é utilizada como um instrumento de construção do conceito de língua: a língua é o que a fala não é, mas ambas são interdependentes” (Henriques; Coelho, 2014, p. 646).

Mas e o discurso? Ele seria o mesmo que a fala ou constituiria uma tríade com os conceitos de língua e fala? Nesse ponto, é conveniente também citar uma questão feita por Chiss (2005) sobre a “Nota para o discurso”, que nos serviu de ponto de partida: poderia essa nota nos incitar a pensar o discurso como o lugar de convergência problemática do teórico da linguística geral, do comparatista do *Mémoire*, do analista das lendas germânicas, das glossolalias e dos anagramas? Neste artigo, tentaremos buscar algumas pistas para responder a essas questões. Para isso, deteremo-nos não somente nos cadernos dos alunos que participaram dos cursos como também em alguns excertos dos manuscritos sobre as lendas germânicas.

A justificativa para trazer, juntamente com as elaborações de linguística, a pesquisa que Saussure desenvolveu sobre as lendas germânicas diz respeito ao fato de que essa pesquisa se insere em uma perspectiva semiológica e possui várias considerações que podem nos indicar não somente o que é fala e discurso, mas também outros aspectos importantes da

teoria saussuriana, dentre os quais citamos a “história”, tida como uma das exclusões saussurianas. Não obstante, devemos lembrar que a língua é alçada, por Saussure, como um modelo de sistema semiológico (cf. Saussure, 2012 [1916], p. 48) e, desse modo, uma característica semiológica encontrada nas lendas pode, de certa forma, também estar presente na língua em algum grau e vice-versa.

Assim, partimos de dois pressupostos: a noção de fala e a de discurso, tidas como excluídas por uma parte da recepção saussuriana, podem ser encontradas nos cursos de 1907 a 1911. Resta-nos apreender se são tidas como sinônimas ou não. Além disso, pensamos que, a partir de uma análise dos manuscritos sobre as lendas germânicas, é possível entrever esses conceitos, auxiliando-nos em sua definição. Desse modo, este texto está dividido em duas partes fundamentais: i) explicitação de “fala” e “discurso” tal como expostos nos cadernos dos alunos que participaram dos cursos proferidos por Saussure na Universidade de Genebra entre 1907 e 1911; e ii) investigação de alguns excertos dos manuscritos sobre as lendas em que essas noções podem ser vislumbradas.

Distinção entre fala e discurso: fronteiras...

Iniciamos nossa explanação com alguns trechos do Premier Cours de Linguistique Générale (PCLG)⁵, o qual foi ministrado de 16 de janeiro de 1907 a 31 de julho de 1907 e tratou de aspectos históricos da língua e da diversidade de línguas. Embora seja, então, um curso que teve como pauta principal uma perspectiva de certa forma comparatista, há passagens em que as noções de fala e discurso são evidenciadas. É o caso do trecho a seguir, que se constitui enquanto um desenvolvimento da criação analógica:

A nova forma <je trouve> não é criada em uma assembleia de sábios que discutem sobre o dicionário. Para que essa forma penetre na língua é necessário que 1. Alguém a tenha improvisado e 2. Improvisado na ocasião da fala, do discurso, e <é> o mesmo para todas as outras formas [...]. Podemos chamar a nova forma: forma evocada, (<suscitada> realmente pela fala, por necessidade) e as outras evocativas. Essas outras formas não se traduzem pela fala, mas permanecem inconscientes, nas profundezas do pensamento, enquanto a forma evocada <je trouve> é manifestada (Saussure *apud* Riedlinger, 1996, p. 65, tradução nossa)⁶.

No trecho acima, há alguns pontos que devem ser destacados: o primeiro deles concerne à própria relação entre língua e fala: não há nada que entre na língua sem que antes tenha ocorrido na fala. Para além disso, é perceptível a existência de um “alguém”, um sujeito falante que improvisa uma forma, utilizando-se de formas preexistentes na língua na ocasião

⁵ As anotações do primeiro curso utilizadas são de autoria de A. Riedlinger e foram editadas e publicadas por E. Komatsu e G. Wolf, em 1996.

⁶ Original: La nouvelle forme <je trouve> ne se crée pas dans une assemblée de savants discutant sur le dictionnaire. Pour que cette forme pénètre dans la langue il faut que 1. quelqu'un l'ait improvisée et 2. improvisée à l'occasion de la parole, du discours, et il en <est> de même pour tous ceux qui sont tombés ensuite dessus. On pourrait appeler la nouvelle forme: forme évoquée, (<suscitée> réellement par la parole, par le besoin) et les autres évocatrices. Ces autres formes ne se traduisent pas par la parole mais restent subconscientes, dans les profondeurs de la pensée, tandis que la forme évoquée <je trouve> est manifestée.

da fala, do discurso. Aqui, “fala” e “discurso” nos parecem sinônimas, já que são colocadas lado a lado. Não obstante, parece perceptível, já nessa citação, que não há uma exclusão da fala; pelo contrário, ela ocupa um lugar de destaque no funcionamento da língua. Em um trecho posterior, o linguista afirma que

Todos <os> fatos de linguagem, <os fatos evolutivos, sobretudo>, obriga <m> de se colocar *em face da fala de uma parte e de outra parte do reservatório das formas pensáveis <ou> conhecidas do pensamento*. É necessário um ato <inconsciente> de comparação não somente para criar, mas para compreender essas ligações. Qualquer palavra só enuncia qualquer coisa para o espírito porque é comparada imediatamente com tudo o que poderia significar qualquer coisa de ligeiramente diferente (facias: faciam, facio). Se é verdade que sempre há a necessidade do tesouro da língua para falar, *reciprocamente tudo o que entra na língua foi primeiro ensaiado na fala em um número de vezes suficiente para que resulte em uma impressão durável: a língua não é mais que a consagração disso que foi evocado <pela> fala* (Saussure *apud* Riedlinger, 1996, p. 65, tradução nossa, grifos nossos)⁷.

A citação acima, na esteira da anterior, evidencia a relação estabelecida entre língua e fala: para se analisar os fatos de linguagem, é necessário se colocar no terreno da fala e no terreno do reservatório das formas pensáveis, ou seja, na língua. Um fator que deve ser destacado nessa citação diz respeito ao “ato inconsciente de comparação não somente para criar, mas para compreender essas ligações”. Pode-se pensar que, nesse ponto, Saussure evoca o mecanismo da língua: o funcionamento simultâneo dos eixos associativos e sintagmáticos. Para que haja uma criação analógica, é necessário que haja uma comparação das formas existentes e sua organização em um sintagma que se concretiza na fala/discurso.

Desse modo, o mecanismo da língua possui um papel fundamental não somente nas criações analógicas como também, e de maneira primordial, na relação estabelecida entre língua e fala. Nesse sentido, parece ser pertinente afirmar que a relação entre esses dois domínios é condição essencial para sua própria existência. Mas, como o discurso entra nessa relação? Vimos anteriormente que ele parece ser colocado como um sinônimo da “fala”, mas será que é esse o caso ou que isso se mantém na argumentação saussuriana? Algumas pistas para responder a essa questão podem ser encontradas na continuação deste excerto:

Uma maneira de tornar particularmente sensível e <observável> essa oposição é opor língua e fala no indivíduo (é verdade que a linguagem é social, mas para um número de fatos é mais cômodo de encontrá-la no indivíduo). Então, podemos distinguir quase tangivelmente essas duas esferas: língua e fala: tudo o que é produzido pelos lábios *por necessidades do discurso e por uma operação particular*: é a fala. Tudo o que está contido no cérebro do indivíduo, o depósito das formas <entendidas e> praticadas e de seus sentidos: <é> a língua (Saussure *apud*

⁷ Original: Tous <les> faits de langage, <les faits évolutifs surtout,> force<nt> de se placer en face de la parole d'une part et d'autre part du réservoir des formes pensées <ou> connues de la pensée. Il faut un acte <inconscient> de comparaison non seulement pour créer mais pour comprendre les rapports. N'importe quel mot n'arrive a énoncer quelque chose pour l'esprit que parce qu'il est comparé immédiatement avec tout ce qui pourrait signifier quelque chose de légèrement différent (facias : faciam, facio). S'il est vrai que l'on a toujours besoin du trésor de la langue pour parler, réciproquement tout ce qui entre dans la langue a d'abord été essayé dans la parole un nombre de fois suffisant pour qu'il en résulte une impression durable: la langue n'est que la consécration de ce qui avait été évoqué <par> la parole.

Riedlinger, 1996, p. 65, tradução nossa, grifos nossos)⁸.

Desse modo, o indivíduo é levado a falar, por meio de uma operação particular, considerando as necessidades do discurso. Podemos afirmar, então, que a fala supõe dois aspectos principais: ao mesmo tempo em que ela se utiliza do tesouro da língua, por meio das relações associativas e sintagmáticas, ela também está submetida às necessidades do discurso. Ora, nesse ponto, algumas linhas após o primeiro trecho que citamos, “fala” e “discurso” não aparentam mais ser palavras sinônimas. Parece-nos, na verdade, que o discurso faz menção a um contexto em que a fala se concretiza: *é pelas necessidades do discurso*, do contexto comunicativo, que a língua é mobilizada por um sujeito falante. Nesse ponto, é conveniente retomar duas passagens do CLG, em que o discurso participa da conceituação dos eixos sintagmáticos e associativos:

De um lado, *no discurso*, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo (Saussure, 2012 [1916], p. 171, grifo nosso).

Por outro lado, *fora do discurso*, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações diversas (Saussure, 2012 [1916], p. 171, grifo nosso).

É perceptível que o eixo sintagmático, o qual possui estreita relação com o princípio da linearidade, encontra-se no “discurso”, enquanto o eixo associativo se encontra no tesouro da língua, fora do discurso. Diante disso, afirmar que o discurso pode ser, na teoria saussuriana, distinto da fala, não nos parece absurdo, apesar de parecerem equivalentes em alguns momentos. Essa é também a perspectiva de Turpin (1995-1996), a qual afirma que:

A fala refere-se ao ato individual e particular, o discurso à socialização desse ato. Socialização porque o discurso se exprime em um contexto social. Socialização também porque o signo é valor, determinado associativamente e sintagmaticamente (Turpin, 1995-1996, p. 262, tradução nossa)⁹.

Considerando, então, que há a possibilidade de entrever uma distinção entre fala e discurso, achamos pertinente retomar a “Nota sobre o discurso”, que nos serviu de epígrafe. Utilizamos, aqui, a tradução mais recente, realizada por Flores (2023):

⁸ Original: Un moyen de rendre particulièrement sensible et <observable> cette opposition c'est d'opposer langue et parole dans l'individu (le langage est social il est vrai mais pour nombre de faits il est plus commode de le rencontrer dans l'individu). On pourra alors distinguer presque tangiblement ces deux sphères: langue et parole: Tout ce qui est amené sur les lèvres par les besoins du discours et par une opération particulière: c'est la parole. Tout ce qui est contenu dans le cerveau de l'individu, le dépôt des formes <entendues et> pratiquées et de leur sens: <c'est> la langue.

⁹ Original: La parole renvoie à l'acte individuel et particulier, le discours à la socialité de cet acte. Socialité parce que le discours s'exprime dans un contexte social. Socialité aussi, *parce que le signe est valeur, associativement et syntagmatiquement déterminée.*

A língua só é criada em vista do discurso, mas o que separa o discurso da língua, ou o que, em um dado momento, permite dizer que a língua *entra em ação como discurso*?

Os vários conceitos estão ali, prontos na língua, (ou seja, revestidos de uma forma linguística), como *boi, lago, céu, forte, vermelho, triste, fender, ver*. Em qual momento ou em virtude de que operação, de qual *jogo* que se estabelece entre eles, de quais condições, esses conceitos formarão o DISCURSO?

A sequência dessas palavras, por mais rica que seja pelas ideias que ela evoca, não indicará jamais a um indivíduo humano que um outro indivíduo, ao pronunciá-las, queira significar algo. O que é preciso para que tenhamos a ideia de que se quer significar alguma coisa usando para isso termos que estão à disposição na língua? É a mesma questão que a de saber o que é o *discurso*, e à primeira vista a resposta é simples: o discurso consiste, seja rudimentarmente, e por vias que ignoramos, em afirmar uma ligação entre dois dos conceitos que se apresentam revestidos de forma linguística, enquanto a língua apenas realiza previamente conceitos isolados, que esperam ser colocados em relação entre si para que haja significação de pensamento (Saussure *apud* Flores, 2023, p. 117).

Como bem aponta Flores (2023, p. 117-118) em sua análise, essa nota é dividida em três partes, sendo cada parágrafo correspondente a uma parte. Na primeira, há uma afirmação categórica: a língua é criada em vista do discurso, acompanhada de duas indagações: o que separa a língua do discurso? E o que permite dizer que ela entra em ação como discurso? Na segunda parte, por sua vez, há a explicitação de exemplos que demonstram o que foi dito no parágrafo anterior, além de outra questão colocada por Saussure, a saber: em qual momento ou em virtude de qual operação, de qual jogo que se estabelece entre eles, de quais condições esses conceitos formarão o “discurso”? Por fim, na terceira parte, o linguista tenta dar respostas a essa indagação.

Com base no que já explicitamos anteriormente, no que concerne às anotações do primeiro curso e também ao CLG, parece-nos imperativo pensar nessa nota enquanto uma tentativa de responder à relação entre língua e discurso, mas, além disso, também de conceituar o discurso em oposição à língua. Flores (2023) argumenta que há, na nota, três noções de “língua”. De acordo com o autor,

[...] embora relacionadas, [elas] não são sinônimas. Há traços que as unem e traços que as distinguem: isto é, as três ocorrências de ‘língua’ têm o sentido geral de ‘tesouro mental’ – o que as une –, mas a segunda ocorrência faz mais uma indagação metodológica – o que separa o discurso da língua – e a terceira ocorrência faz uma indagação relativa à realização da língua no discurso (Flores, 2023, p. 118).

Gostaríamos de focar justamente nesse traço que une as três ocorrências de língua, pois ele retoma, a nosso ver, não somente a língua considerada como tesouro mental, ou, nas palavras de Saussure já citadas anteriormente, “o depósito das formas <entendidas e> praticadas e de seus sentidos” (Saussure *apud* Riedlinger, 1996, p. 65), como também nos indica um caminho para a realização da língua no discurso, já que esse depósito – ou tesouro mental – é mobilizado pelo falante por meio dos eixos associativo e sintagmático. Para nós, então, o mecanismo da língua permite pensar na resposta para uma das indagações saussurianas presentes na nota: em virtude de que operação esses conceitos formarão o

discurso? E aqui se faz a seguinte constatação: quem mobiliza o mecanismo da língua com vista a atender às necessidades do discurso seria o sujeito falante. Para Flores (2023), Saussure,

[...] embora sem nomear textualmente, dá relevo ao sujeito falante, uma vez que considerar que 'a língua só é criada em vista do discurso' leva a recusar uma estanque separação língua/fala e a recusar que a língua pode ser tomada fora da atividade do sujeito falante (Flores, 2023, p. 118).

O sujeito falante se coloca, então, como aquele responsável pelo estabelecimento da relação entre os conceitos e por sua organização em vista do discurso. Nesse ponto, pensamos ser possível evidenciar que já no CLG e nas anotações dos alunos do primeiro curso essas questões se apresentam, sendo também encontradas na "Nota sobre o discurso". Agora, pensamos ser pertinente nos deslocar para outro material, pertencente a um campo distinto da linguística, mas que lhe é relacionado: a pesquisa saussuriana sobre as lendas germânicas.

As lendas e o discurso

A pesquisa sobre as lendas foi desenvolvida entre 1903 e 1910, ou seja, compreende o período anterior aos três cursos de linguística geral (1907-1911), prolongando-se até metade do terceiro curso. Ademais, a quantidade de manuscritos comprova que esse estudo ocupou boa parte do interesse de Saussure no início do século XX: são 18 cadernos de folhas manuscritas, além de várias folhas avulsas, catalogados sob os números Ms. Fr. 3958 e Ms. Fr. 3959 e arquivados na Biblioteca Pública e Universitária de Genebra (Starobinski, 1974, p. 9).

Antes de iniciarmos a explicitação dos excertos sobre as lendas germânicas, faz-se necessário explicitar que o interesse de Saussure por esse material possui estreita relação com o seu interesse pelo lado etnográfico da linguística. Em uma carta, endereçada a Meillet em 4 de janeiro de 1894, o linguista afirma que:

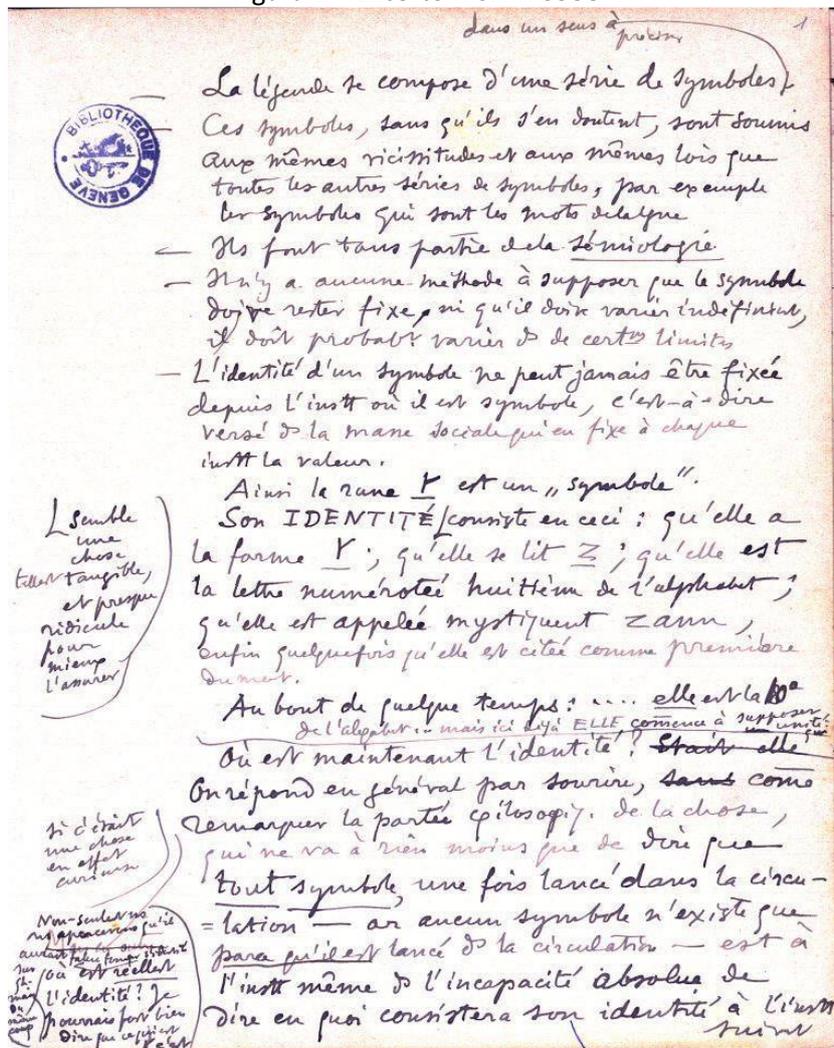
Em última análise somente o lado pitoresco de uma língua, aquele que faz com que ela difira de todas as outras como pertencente a um povo com certas origens, é esse lado quase etnográfico que conserva para mim um interesse: e, precisamente, eu não tenho mais o prazer de me satisfazer desse estudo sem refletir e desfrutar do fato particular em um meio particular (Saussure *apud* Benveniste, 1964, p. 95-96, tradução nossa)¹⁰.

A própria motivação de Saussure já parece apresentar uma relação entre o âmbito da linguística e o âmbito da lenda, o que também é exaltado em várias passagens dos manuscritos sobre as lendas germânicas. Em trabalhos anteriores (Henriques, 2019, 2021), evidenciamos a potencialidade desse conjunto de documentos no que concerne ao

¹⁰ Original: C'est, en dernière analyse, seulement le côté pittoresque d'une langue, celui qui fait qu'elle diffère de toutes autres comme appartenant à certain peuple ayant certaines origines, c'est ce côté presque ethnographique, qui conserve pour moi un intérêt: et précisément je n'ai plus le plaisir de pouvoir me livrer à cette étude sans arrière-pensée, et de jouir du fait particulier tenant à un milieu particulier.

aprofundamento de noções expressas no CLG. Dentre essas noções, destacamos a fala e a história. Aqui, deteremo-nos especificamente na fala. O primeiro excerto a ser citado se encontra em um caderno intitulado *Niebelungen*, arquivado como Ms. Fr. 3958-4¹¹, e é mobilizado por nós em virtude de sua clareza na definição do que é a lenda:

Figura 1 – Excerto Ms. Fr. 3958-4



Fonte: Acervo da autora¹².

- A lenda se compõe de uma série de símbolos <em um sentido a definir>
- Esses símbolos, sem que se duvide, estão submetidos às mesmas vicissitudes e às mesmas leis que todas as outras séries de símbolos, por exemplo, os símbolos que são as palavras da língua
- Todos fazem parte da Semiologia.

Não há nenhum método para supor que o símbolo deva permanecer fixo, nem que ele deva variar indefinidamente, ele deve, provavelmente, variar em certos limites.

A identidade de um símbolo não pode jamais ser fixada depois do instante

¹¹ Apresentaremos a imagem do excerto utilizado, seguido de sua tradução para o português. Em nota de rodapé, encontra-se o original em francês.

¹² Os excertos utilizados neste artigo foram adquiridos pela autora junto à *Bibliothèque Publique et Universitaire de Genève* entre os anos de 2014 e 2019.

que se torna símbolo, ou seja, inserido na massa social que lhe fixa a cada instante o valor.

Assim, a runa *Y* é um “símbolo”.

Sua IDENTIDADE <parece algo tangível, e quase ridículo para melhor afirmar> consiste nisso: que ela tem a forma *Y*, que ela se lê *Z*, que ela é a oitava letra do alfabeto, que ela é chamada misticamente de *Zann*, enfim, que algumas vezes é citada como a primeira da palavra. Depois de algum tempo: ... ela é 10ª do alfabeto ... mas aqui ela já começa a supor uma unidade que [Onde está agora a identidade? Respondemos, em geral, com um sorriso, como <se isso fosse uma coisa de fato curiosa> ressaltar o lado filosófico da coisa, que não diz nada menos que todo símbolo, uma vez lançado em circulação – ora, qualquer símbolo só existe porque é lançado em circulação – está no mesmo instante na incapacidade absoluta de dizer em que consistirá sua identidade no instante seguinte.

<Não apenas nós percebemos que seria necessário achar a identidade. Onde está realmente a identidade? Eu poderia muito bem dizer que isso é uma coisa incalculável, que seria em vão se nós tentássemos querer fundá-la em *qualquer coisa*> mesmo que seja em uma combinação de caracteres¹³.

O primeiro aspecto a ser ressaltado nesse excerto é a denominação de símbolos aos elementos que compõem a lenda e a sua submissão às mesmas leis e vicissitudes que todas as outras séries de símbolos, que são as “palavras da língua”. Malgrado à oscilação terminológica que se impõe na afirmação de que as palavras da língua são símbolos, considerando a distinção efetuada por Saussure no CLG entre símbolos e signos, o que parece saltar aos nossos olhos é que tanto os símbolos da lenda quanto os símbolos da língua seguem as mesmas leis, e isso porque ambos pertencem à Semiologia.

O segundo aspecto, por sua vez, concerne à questão da constituição do símbolo: ele somente é símbolo quando está inserido na massa social. E, a partir disso, já não é mais possível fixar a sua identidade, porque a cada instante a massa social lhe fixa um valor¹⁴. Ou seja, o que garante a existência de um sistema semiológico, seja ele a língua ou a lenda, é o fato de que ele é adotado por uma massa social e utilizado a cada instante por seus falantes.

¹³ La légende se compose d'une série de symboles <dans un sens à préciser> - Ces symboles, sans qu'ils s'en doutent, sont soumis aux mêmes vicissitudes et aux mêmes lois que toutes les autres séries de symboles, par exemple les symboles qui sont les mots de la langue - Ils font tous partie de la sémiologie Il n'y a aucune méthode à supposer que le symbole doive rester fixe, ni qu'il doive varier indéfiniment, il doit probablement varier dans certaines limites. L'identité d'un symbole ne peut jamais être fixée depuis l'instant où il est symbole, c'est-à-dire versé dans la masse sociale qui en fixe à chaque instant la valeur. Ainsi la une *Y* est un « symbole ». Son IDENTITÉ <semble une chose tellement tangible, et presque ridicule pour mieux l'assurer> consiste en ceci : qu'elle a la forme *Y* ; qu'elle se lit *Z* ; qu'elle est la lettre numérotée huitième de l'alphabet ; qu'elle est appelée mystiquement *Zann*, enfin quelquefois qu'elle est citée comme première du mot. Au bout de quelque temps : ... elle est la 10e de l'alphabet ... mais ici déjà ELLE commence à supposer une unité que [Où est maintenant l'identité ? On répond en général par sourire, comme <si c'était une chose en effet curieuse> remarquer la portée philosophique de la chose, qui ne va à rien moins que dire que tout symbole, une fois lancé dans la circulation – or aucun symbole n'existe que parce qu'il est lancé en circulation - est à l'instant même dans l'incapacité absolue de dire en quoi consistera son identité à l'instant suivant [<Non-seulement nous apercevons qu'il aurait fallu trouver l'identité. Où est réellement l'identité ? Je pourrais fort bien dire que ce qui est c'est chose bien plus incalculable, qu'il aurait été vain si nous l'avions essayé de vouloir la fonder sur quelque chose mais du même coup sur quoi que ce soit – même sur une combinaison de caractères >.

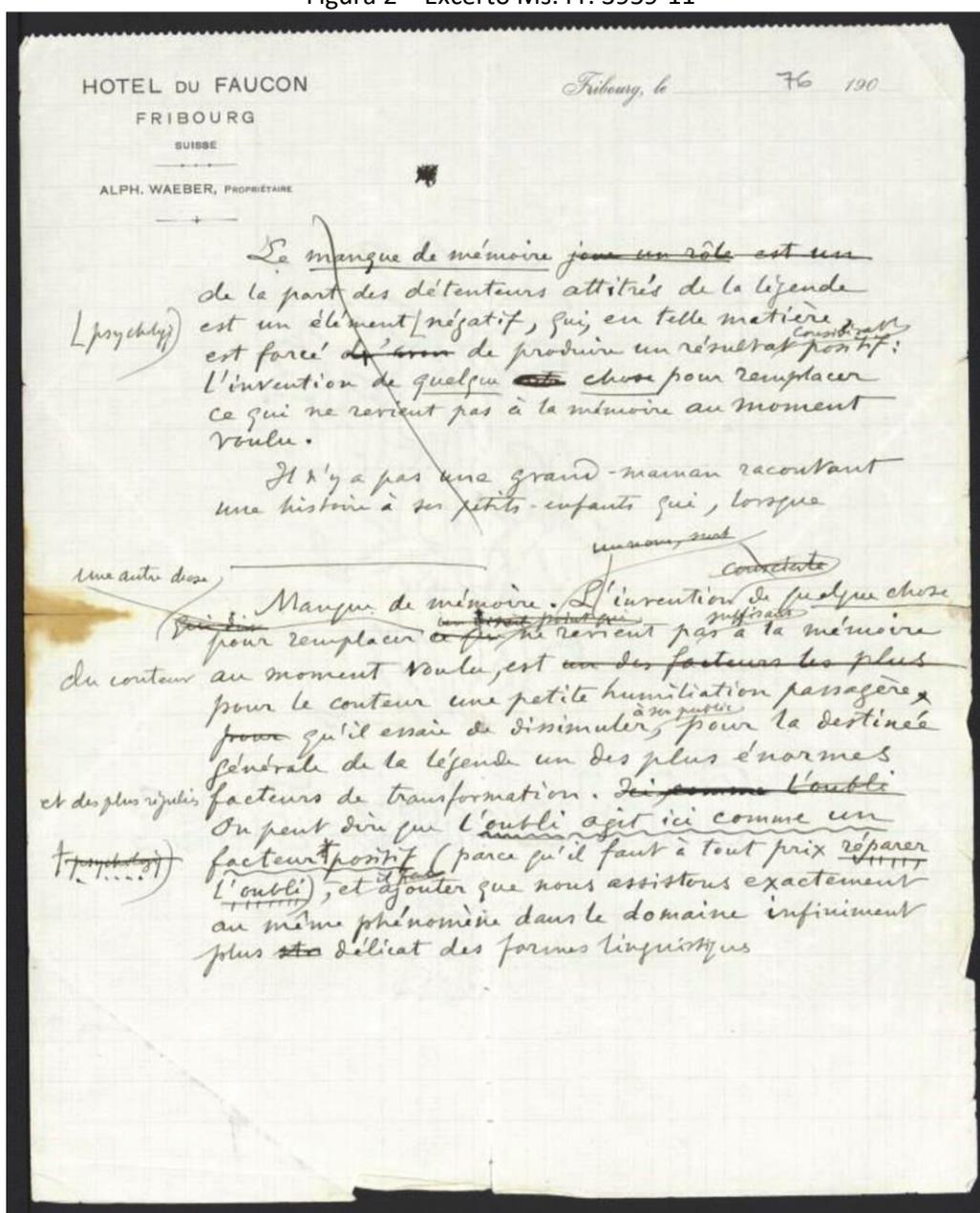
¹⁴ Aqui, é conveniente dizer que a lenda é uma narrativa oral e, como tal, possui características que a distinguem de um texto literário escrito e a aproximam do âmbito discursivo da língua.

Aqui, mais uma vez, é conveniente pensarmos na seleção e na organização dos signos por meio dos eixos associativos e sintagmáticos.

Por fim, o terceiro aspecto diz respeito à mutabilidade e à imutabilidade do símbolo lendário. Nesse ponto, é pertinente retomarmos a afirmação de Saussure, segundo a qual “o signo está em condição de se alterar, porque se continua” (Saussure, 2012 [1916]). Se o símbolo lendário está submetido às mesmas leis que o signo, a massa falante é fundamental para que haja transformação e continuidade na narrativa, e isso porque é ela quem conta e reconta as narrativas lendárias através dos séculos.

Em outro trecho, pertencente ao arquivo Ms. Fr. 3959-11, Saussure coloca em questão o papel da memória do contador na transmissão e na transformação da lenda:

Figura 2 – Excerto Ms. Fr. 3959-11



Fonte: Acervo da autora.

~~A falta de memória pela parte dos detentores encarregados da lenda é um elemento <psicológico> negativo que, em tal matéria, é forçado a produzir um resultado <consideravelmente> positivo: a invenção de qualquer coisa para substituir isso que não vem à memória no momento desejado.~~

~~Não há uma avó contando uma história aos seus netos que, quando [~~

Falta de memória. A invenção de qualquer coisa para substituir <outra coisa> que não vem à memória <do contador> no momento desejado ~~é um dos fatores~~ mais para o contador uma pequena humilhação passageira que ele tenta dissimular <de seu público>, e para o destino geral da lenda, é um dos maiores e mais regulares fatores de transformação. ~~Aqui, como o esquecimento~~ Podemos dizer que o esquecimento age aqui como um fator <psicológico> positivo (porque é necessário a todo preço reparar o esquecimento), e <é necessário acrescentar que nós vemos o mesmo fenômeno no domínio infinitamente mais delicado das formas linguísticas>¹⁵.

Esse trecho elucidado não somente o papel que a circulação social possui na lenda como também nos deixa entrever as relações associativas e sintagmáticas que entram em jogo na transmissão dessa narrativa e as “necessidades do discurso” que devem ser atendidas, como foi apontado por Saussure no PCLG. O papel da circulação social nos parece óbvio: é ela quem assegura à lenda a sua continuidade e sua alteração. Mas esses dois fatores não são dados ao acaso; eles ocorrem em virtude da mobilização da língua por um sujeito falante, no discurso.

Ao mesmo tempo, como se trata de uma narrativa oral, a lenda está à mercê da memória de quem a narra: a falta de memória faz com que o contador substitua aquilo que lhe falta por outra coisa que lhe pareça adequada, justamente para manter a tradição e, ao mesmo tempo, evitar uma “pequena humilhação passageira”. Tem-se, então, que o contador, por meio da mobilização do eixo associativo – no âmbito da língua – consegue reparar o esquecimento, encadeando, no discurso, a forma substituta na narrativa.

Ademais, considerando a transmissão dessas narrativas por tantos séculos, podemos pressupor que há uma tradição no ato de contar e recontar essas histórias, principalmente porque muitas delas fazem parte da cultura de um povo. Ora, tem-se, nesse ponto, o discurso: narra-se uma história, em uma determinada situação, para um determinado povo, com determinados objetivos. E, nesse caso, a necessidade do discurso que deve ser atendida é evitar “a pequena humilhação passageira”, que é o esquecimento de um nome ou característica de um personagem, do motivo de uma ação etc.

¹⁵ Original: « Le manque de mémoire joue un rôle de la part des détenteurs attirés de la légende est un élément <psychologique> négatif, qui, en telle matière, est forcé d'avoir de produire un résultat <considérablement> positif: l'invention de quelque autre chose pour remplacer ce qui ne revient pas à la mémoire au moment voulu. Il n'y a pas une grand-maman racontant une histoire à ses petits-enfants qui, lorsque [_____] Manque de mémoire. L'invention ~~<consciente>~~ de quelque chose pour remplacer ~~<qui doit>~~ ce qui <un détail point <un nom, sur> qui > <une autre chose> qui ne revient pas ~~suffisant~~ à la mémoire <du conteur> au moment voulu, est ~~un~~ des facteurs le plus pour le conteur une petite humiliation passagère ~~pour~~ qu'il essaie de dissimuler <à son public>, pour la destinée générale de la légende un des plus énormes <et des plus réguliers> facteurs de transformation ~~ici, comme l'oubli~~. On peut dire que l'oubli agit ici comme un facteur psychologique <psychologique> positif (parce qu'il faut à tout prix réparer l'oubli), et <il faut> ajouter que nous assistons exactement au même phénomène dans le domaine infiniment plus ~~str~~ délicat des formes linguistiques. »

Com base no que foi exposto nessas poucas páginas, achamos pertinente afirmar que o discurso, mesmo que não seja colocado de forma explícita nesse trecho, permite-nos entrever algum tipo de definição, que está, inclusive, em consonância com aquelas presentes nas elaborações sobre linguística de Saussure: há algo que parece ser exterior à língua, mas que também a rodeia e a faz funcionar. O colocar a língua em funcionamento, mobilizando o mecanismo linguístico, que recorre à memória e à ordenação, não se dá ao acaso, mas por uma necessidade, e essa necessidade não parece ser estritamente linguística. Podemos arriscar, talvez, falar de uma necessidade que é social e histórica.

Considerações que certamente não são finais

Não nos parece haver a possibilidade de finalizar a questão da fala e do discurso nas elaborações saussurianas. Não se considerarmos somente o que está aqui disposto. Entretanto, pensamos que foi evidenciada a necessidade de se considerar essas noções nas elaborações saussurianas, partindo de um ponto de vista que não considera uma exclusão, mas sim, no pior dos casos, a ausência de uma definição explícita.

A fala e o discurso, que ora aparecem como sinônimos ora como instâncias distintas, estão presentes tanto nos documentos saussurianos já conhecidos, como o CLG, quanto naqueles que não são tão populares, como os manuscritos sobre as lendas germânicas. Fato é que eles são mobilizados no aparato teórico saussuriano e possuem um papel fundamental na argumentação do linguista: a fala não ocorre por um acaso; ela é motivada por algo. A língua não se transforma sozinha; há um mecanismo que permite essa transformação e continuidade, e ele é mobilizado por alguém.

Não pretendemos, aqui, exaurir esse tema que já se encontra em discussão há várias décadas. Contudo, achamos pertinente evidenciar a necessidade desse retorno às elaborações saussurianas, seja ao próprio CLG, mediante uma leitura mais atenta e menos tendenciosa, seja em relação aos manuscritos saussurianos. Há algo, entretanto, que não nos negamos a afirmar: não houve uma exclusão da fala ou do discurso. Pensar essas noções, principalmente no quadro de uma semiologia geral, pode contribuir para elucidar as questões em torno do jogo da linguagem no indivíduo.

Referências

BENVENISTE, E. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, v. 21. Genebra: Ed. Droz, 1964. p. 93-130.

CÂMARA JR., J. M. *Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 4. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974 [1942].

CHISS, J. L. Les linguistiques de la langue et du discours face à littérature : Saussure et l'alternative a une théorie du langage. *Langages*, Paris, v. 39, n. 153, p. 39-55, 2005.

COELHO, M. P.; HENRIQUES, S. M. A fala em Ferdinand de Saussure: um conceito relacional, opositivo e negativo. *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, v. 8, n. 1, p. 645-663, 2014.

FLORES, V. do N. *A linguística geral de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Contexto, 2023.

HENRIQUES, S. M. *O caso mais grosseiro da semiologia: o que Saussure pode nos dizer sobre os nomes próprios*. Campinas: Editora da Abralín, 2021.

HENRIQUES, S. M. *Os manuscritos de Ferdinand de Saussure sobre as lendas germânicas: uma relação entre a fala e a história*. 2019. 151 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

SAUSSURE, F. de. *Première Cours de Linguistique Générale (1907): d'après les cahiers d'Albert Riedlinger / Saussure's first course of lectures on general linguistics (1907): from the notebooks of Albert Riedlinger*. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by George Wolf. Oxford: Pergamon Press, 1996.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Editado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973 [1916].

SILVEIRA, E. Saussure à brasileira: o estatuto epistemológico do Curso de Linguística Geral nos manuais publicados entre 1930 e 1980. In: FARACO, C. A.; FIORIN, J. L.; CRUZ, M. A. *O efeito Saussure: cem anos do Curso de Linguística Geral*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 49-62.

STAROBINSKI, J. *As palavras sob as palavras*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

STAROBINSKI, J. *Les mots sur les mots : Les anagrammes de Ferdinand de Saussure*. Paris: Gallimard, 1971.

TESTENOIRE, P-Y. O que as teorias do discurso devem a Saussure. In: CRUZ, M. A.; PIOVEZANI, C.; TESTENOIRE, P-Y. (Orgs.). *Saussure, o texto e o discurso: cem anos de heranças e recepções*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 105-124.

TURPIN, B. Discours, langue et parole dans les cours et les notes de linguistique générale de Ferdinand de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, v. 49. Genebra: Ed. Droz, 1995-1996. p. 251-266.

Recebido em: 18/05/2023.

Aceito em: 08/07/2023.